Refúgio ocupado

É crescente nos noticiários a quantidade de informações sobre os refugiados. As mídias cedem cada vez mais espaço àquilo que chamam, na Europa, de "crise migratória" e, no caso brasileiro, de "invasão de haitianos", posterior ao terremoto que devastou o país caribenho. Nas ruas de diversas metrópoles, do Brasil e do mundo, conhecidas por seu caráter cosmopolita, surgem outras línguas, cores, estampas e sabores, e frequentemente temos a impressão de nunca ter visto tantas culturas em um mesmo lugar. O tema tem se tornado objeto de reflexão não apenas na imprensa, mas também nos debates antropológicos. Embora os grandes deslocamentos e as diásporas, causados muitas vezes por motivos como a guerra, a fome ou a perseguição político-religiosa, não sejam assuntos tão novos para a disciplina, as características que vêm adquirindo nos últimos anos desdobram-se em novas problematizações e abordagens que justificam o espaço dedicado ao tema neste número da *Cadernos de Campo*.

O que diferencia esses "novos" estrangeiros e suas demandas dos grandes deslocamentos ocorridos em outros momentos da história? Trata-se de um fenômeno realmente novo? Quando e por que passamos a designar como "refugiados" pessoas e populações em movimento? Essas questões permeiam os três artigos e o ensaio fotográfico que constituem o "Especial" desta edição. As abordagens parecem convergir em torno do fato de que "refugiado" é uma categoria em construção, que adquire sentidos outros além da acepção trazida pelo dicionário, não se encerrando tampouco nos vários estatutos nacionais e internacionais que tentam delimitá-la. O artigo de Helena Manfrinato mostra como uma visão orientalista, que dá ênfase a imagens como o "terrorismo islâmico" e a "opressão das mulheres", atravessa grande parte das narrativas sobre o refúgio de palestinos e sírios. A circulação da fotografia de uma criança síria que morreu afogada natentativa de travessia para a Europa, segundo a autora, tem o efeito de aprofundar a ideia de horror ligada ao refúgio. Ao mesmo tempo, a imagem consegue atingir círculos antes insensíveis à questão, bem como construir redes de apoio mais amplas,ainda que fundamentadas em um tipo de representação refutada pelos imigrantes. De modo similar, Ana Bersani questiona a recorrente descrição dos refugiados como pessoas "desesperadas", mostrando em seu artigo que os motivos para o deslocamento são, na verdade, variados, nem sempre se conformando ao imaginário e às narrativas do Ocidente.

A *imagem* dos refugiados está, portanto, em permanente disputa e os textos que compõem a coletânea, assim como o vídeo que abre a seção, expõem seus processos de construção. Os festivais, encontros e rodas de conversa descritos por Silvia Zelaya, que acompanhou as reuniões do Grist (Grupo de Refugiados

e Imigrantes Sem Teto de São Paulo), são descritos como espaços em que a categoria é constantemente reelaborada por aqueles que são mais atingidos por essa definição: os próprios "refugiados". Se a vida dessas pessoas se estrutura em torno das concepções de refúgio, é necessário construir representações mais plurais e menos estereotipadas sobre esses imigrantes.

Não à toa, dois dos artigos aqui publicados são constituídos por etnografias de ocupações: em um caso, a ocupação no Hotel Cambridge e, no outro, a ocupação Leila Khaled, ambas no centro de São Paulo. De certa forma, esses imigrantes ocupam não apenas imóveis sem uso, mas também a própria noção de "refugiado": com sentidos contraditórios e limites pouco conhecidos, o termo é mobilizado por esses atores como instrumento político na luta por direitos. Igualmente, as *performances* de Shambuyi Wetu, artista congolês interlocutor de Rose Satiko e Jasper Chalcraft, ocupam o espaço e a arte paulistas, colocando em seu centro uma nova imagem de África e dos imigrantes recém-chegados à cidade.

Embora marcados por recortes precisos e localizados em contextos etnográficos específicos, os ensaios apresentados carregam consigo o potencial de fomentar novas discussões para um tema complexo, cuja abordagem antropológica ainda está longe de esgotar. Esperamos que as reflexões aqui reunidas impulsionem novas maneiras de pensar esse "novo" fenômeno social e contribuam para amadurecer o debate acerca dos dilemas engendrados na categoria "refugiado", e que, por meio do constante diálogo com seus interlocutores, a Antropologia possa desenvolver novas ferramentas analíticas em seu permanente processo de reformulação.

Os editores